RESUMO
O artigo propõe uma reflexão sobre a atuação do educador na aplicação da metodologia estudo do meio desde seu surgimento até os dias atuais e seu impacto no ensino aprendizagem. Aborda sua origem, princípios e objetivos relevantes de cada época, bem como sua evolução ou não, tanto no Brasil como no exterior. A reflexão tem como base os princípios adotados pela Dra. Nídia Nacib Pontuschka[2], com a tese de doutorado, artigos e livros que abordam e refletem sobre a aplicação da metodologia estudo do meio e suas possibilidades reais vividas pelo docente não seu cotidiano, a fim de explanar as possibilidades que a prática permite e seus frutos. As preocupações da profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka para com a atuação do professor e o ensino do aluno se destacam constantemente em suas análises, trazendo importantes relatos sobre as práticas pedagógicas, condições de trabalho e qualidade de ensino. Considera-se finalmente que, para sua proposta de estudo do meio, diante das múltiplas ações e orientações que partem de órgãos de educação federal, estadual e municipal, há caminhos para o professor e a escola trilharem ofertando aos alunos dos diferentes níveis de ensino uma educação significativa, de qualidade, e que compreendam e saibam se situar no mundo em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: estudo do meio, interdisciplinaridade, ensino-aprendizagem.

Summary
The article proposes a reflection on the educator's role in applying the methodology of field study from its inception to the present day and its impact on teaching-learning. It addresses its origin, principles, and relevant objectives of each era, as well as its evolution or lack thereof, both in Brazil and abroad. The reflection is based on the principles adopted by Dr. Nídia Nacib Pontuschka, including her doctoral thesis, articles, and books that discuss and reflect on the application of the field study methodology and its real possibilities experienced by teachers in their daily lives, in order to explain the possibilities that practice allows and its outcomes. The concerns of Professor Dr. Nídia Nacib Pontuschka regarding the teacher's role and student learning are constantly highlighted in her analyses, bringing important accounts about pedagogical practices, working conditions, and teaching quality. Finally, it is considered that, for its proposed study of the environment, given the multiple actions and guidelines that come from federal, state and municipal education bodies, there are paths for the teacher and the school to follow, offering students at different levels of education a meaningful, quality education, and that they understand and know how to situate themselves in the world in which they live.

KEYWORDS: environmental study, interdisciplinarity, teaching-learning.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa e reflete sobre a aplicabilidade da metodologia do estudo do meio em escolas públicas pelo docente e o impacto no ensino-aprendizagem em diferentes épocas, na luz das reflexões da professora Dra. Nídia Nacib Pontuschka.

Cabe-nos refletir primeiramente sobre os avanços que a educação sofreu no decorrer dos séculos XX e XXI. Ao analisar este período percebemos que, apesar dos esforços e avanços, algo não se transformou, a organização dos estudos permanece até os dias atuais compartimentado em áreas de estudo. Ainda atualmente se ensina e aprende por meio das disciplinas – matemática, português, ciências, história, geografia, artes, entre outras, visto que o professor que ensina nas escolas, aprendeu nas universidades e faculdades, também por disciplinas compartimentadas.

Hoje em dia a escola que tem somente seu currículo pautado por disciplinas, que não há projetos diferenciados, é considerada uma escola tradicional, desinteressante no ponto de vista do aluno. O ensino tradicional mi-

nistrado não dá conta da formação dos alunos na sua integralidade, alunos que vivem a época das tecnologias, que têm acesso a informações a qualquer instante, e que ficar sentado numa cadeira ouvindo o professor falar num período de 5 a 8 horas é demasiadamente aborrecedor para ele. Também é dito que as escolas não acompanham os avanços da sociedade e que são, portanto, arcaicas, por isso os problemas de indisciplina, descontentamento, abandono, entre outros. Uma das preocupações e indagações da Dra. Nídia foi como melhorar este ensino, como deixá-lo mais atraente, como atender propostas governamentais, de interdisciplinaridade, de integração, unindo várias áreas dos saberes, favorecendo e transformando o estudo em algo mais agradável para os alunos, mais significativo, se a escola que existe é nos moldes da escola tradicional?

Professor tem sido alvo de críticas por vários setores da sociedade como um profissional que não corresponde às reais necessidades da escola contemporânea. Porém, por outro lado, sua formação acadêmica foi e é fragmentada há décadas em disciplinas nas universidades, sem formação para criar nexos entre as áreas, cada qual funcionando de forma independente. Neste contexto, leva consigo o aprendizado atomizado que adquiriu nas universidades e terá como frutos do seu trabalho o produto daquilo que vivenciou, ensinando também de forma atomizada. O professor não tem vivência da interdisciplinaridade, não é capacitado e nem incentivado no âmbito escolar a desenvolver projetos que demandam a integração de todas as disciplinas, apesar de estar nas políticas educacionais do país e de ser cobrada. A própria estrutura física e de organização da unidade de ensino não permite que projetos assim aconteçam com facilidade.

Pensar em uma atitude integradora, como proposta nos planos políticos educacionais, requer aprendizado e esforço por parte do professor, porque na maioria das vezes na escola pública não existe apoio para essa integração, recursos, favorecimento, engajamento. Na perspectiva da Dra. Nídia, o estudo do meio surge para o professor como uma metodologia que possa colocar em prática a política nacional adotada, porque propõe um trabalho que é por natureza interdisciplinar e integrador e permite a aprendizagem durante o processo, aproximando diferentes áreas e auxiliando este professor a superar suas dificuldades em inserir na sua ação pedagógica atividades que deem um passo além da disciplinaridade.

Conforme os documentos de orientação educacional dos órgãos oficiais, a perspectiva da escola básica é a Educação Integral e atender aos ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. A princípio, a metodologia do estudo do meio traz em seu bojo os princípios básicos da política educacional no que diz respeito à educação integral do aluno, pois no seu processo é trabalhado a coletividade, a empatia, responsabilidade, participação, autonomia, determinação, integração entre as áreas, trabalho colaborativo, resolução de problema. Em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, o cuidado com o meio em que vivemos. Portanto, a metodologia propões que as diferentes áreas do saber devem colaborar com essa meta e pensar em outras dimensões do conteúdo além do conteúdo conceitual de sua disciplina, vislumbrando também conteúdos atitudinais e os procedimentais, estreitando assim suas relações, apesar de todos os entraves e dificuldades que o professor possa encontrar.

Ara prosseguirmos com a nossa reflexão é necessário compreendermos o conceito de Estudo do Meio, entender que o método vai muito além do que um simples passeio, tem como meta criar o próprio currículo da escola e, por isso, deve ser meticulosamente planejado, ter seus próprios critérios e seu passo a passo divulgado para toda comunidade escolar, principalmente professores, para que se apropriem, de forma adequada, e o incluam em seu planejamento anual como um dos conteúdos a ser trabalhado no currículo, proposta audaciosa diante de tantas obstáculos, mas não impossível.

Evitar a fragmentação e buscar a totalidade por meio da interdisciplinaridade permite aos docentes e discentes a criar e executar o seu próprio projeto de ensino aprendizagem, construindo seu próprio currículo. Para tanto há de se romper com a metodologia de ensino tradicional, compartimentada, mesmo que não seja fácil. A mudança de atitude do educador, a valorização do trabalho

coletivo e a organização curricular passa a envolvê-lo no fazer e pensar o currículo da escola em que está. Poder o professor definir seu currículo com a participação dos alunos é de grande relevância e o trabalho ganha um salto de qualidade.
Aos poucos, o que se pretende, é de que os conceitos que permeiam a vida do professor vão se modificando: o que é uma aula? Onde pode acontecer? Como? Qual conteúdo ensinar? Todas essas reflexões internamente vão crescendo no íntimo de cada um e transformando a forma de ensinar do docente, tornando-a uma forma interessante e desafiadora.

HISTÓRIA E ORIGEM DO ESTUDO DO MEIO

ORIGEM DO ESTUDO DO MEIO

O estudo do meio não é uma metodologia recente, é uma prática inspirada em Francisco Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966). Ferrer, foi um pensador anarquista catalão, pedagogo, criador da Escola Moderna, tinha o objetivo de proporcionar aos estudantes uma aprendizagem "mais perto da vida", ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social, contrapondo a Escola Tradicional e seus métodos. Fundou a Escola Moderna em 08 de setembro de 1901. Segundo GALLO, a Escola Moderna era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante. Por entender que os livros didáticos disponíveis à época não eram adequados àquilo e à forma como pretendia educar, criou uma editora, La Editorial, para publicar os livros que seriam utilizados em sua escola. (GALLO, 2013)
Em 1924, Celestian Freinet, pedagogo anarquista francês, estruturou o método criando as "aulas passeio" que levavam os alunos para fora dos limites de dentro da escola. Também criou o "Livro da Vida", onde os alunos registravam suas experiências vividas.
O movimento da Escola Moderna foi inspirado em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Freidrich Fröebel (1782-1852), John Dewey(18591952). Visto a necessidade do novo mundo de negócios e produção e a escola que contemplasse o livre desenvolvimento das capacidades e interesses individuais, Rousseau propôs uma concepção nova de ensino, segundo Libâneo, baseada nas necessidades e interesses imediatos da criança:

"A preparação da criança para a vida futura deve basear-se no estudo das coisas que correspondem às suas necessidades e interesses atuais. Antes de ensinar as ciências, elas precisam ser levadas a despertar o gosto pelo seu estudo. Os verdadeiros professores são a natureza, a experiência e o sentimento. O contato da criança com o mundo que a rodeia é que desperta o interesse e suas potencialidades naturais". (LIBÂNEO, 1994)

Na Escola Moderna, segundo Libâneo, a atividade escolar deve centrar-se em situações de experiência em que são ativadas as potencialidades, capacidades, necessidades e interesses naturais da criança. O currículo não se baseia nas matérias de estudos convencionais que expressam a lógica do adulto, mas nas atividades e ocupações da vida presente, de modo que a escola se transforme em um lugar de vivência daquelas tarefas requeridas para a vida em sociedade.
Na década de 60, o método Estudo do Meio ganhou força no Brasil, no interior do movimento da Escola Nova. A metodologia de ensino Estudo do Meio, nesse breve relato histórico, constatamos que é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio-educacionais que se lhes presentavam à época.

ESTUDO DO MEIO NO BRASIL

As primeiras escolas no Brasil a implantarem a saída de campo como atividade de estudo foram as escolas anarquistas. Em 1910 e 1920, imigrantes italianos e espanhóis trouxeram ideias anarquistas, fundando várias escolas operárias no Brasil, com princípios da Escola Moderna ou também chamada de Escola Racionalista. Esses imigrantes chegaram no Brasil com experiências de organiza-

ções sindicais vividas na Europa. O contexto no Brasil era a do início da industrialização, início do século XX, as escolas particulares eram para filhos dos empresários, e as escolas públicas, que começara a surgir na época para filhos dos operários, os primeiros grupos escolares, seguiam os princípios da política da época, dos novos industriais que era uma elite que gostava de ostentar. Os operários eram principalmente italianos, espanhóis e seus filhos, que trabalham nas fábricas desde crianças e precisavam ser educados, mas não queriam que fossem educados pela doutrina empresarial que começava a se formar.
Os empresários da época tinham como conceito de nação um país que tinha riqueza material e patrimonial que acumulava. Os imigrantes, já com experiências sindicais, se contrapunham a essa ideia, conforme podemos ver nos relatos de PONTUSCHKA. A ideia de nação desses imigrantes era a seguinte:

Nação é, antes de tudo, um povo que fala a mesma língua, um povo que vale pela sua grande instrução, pela cultura que possui e pelo nível de vida que proporciona a todos os membros de sua sociedade indistintamente. Todos nascem iguais, do mesmo modo, crescem alimentados pelos meios naturais comuns, tendo necessidades físicas e psíquicas semelhantes e devem morrer, de modo geral, dentro das mesmas idades-limites. Ninguém nasce escravo, pobre, rico, trabalhador, doutor, político ou presidente. As diferenciações existentes foram criadas por uns poucos, por uma minoria, deveres sem direitos, obrigações sem possibilidades iguais, situação que o tempo consolidou, tornou costume, convertendo em leis, em normas de vida. Depois disso, gerações e gerações nascem e morrem sem perguntar, por que existem tais desigualdades? (Rodrigues, 1984 apud Pontuschka, 2004)

Para os anarquistas as escolas deveriam ser espaços de debates, livres, que levassem os alunos terem suas próprias opiniões e assim queriam que seus filhos fossem educados. Algumas informações, características e princípios relevantes sobre as escolas anarquistas no Brasil traçaremos a seguir para conhecimento e reflexão:

Educação não era atrelada aos interesses capitalistas, para trabalhadores e seus filhos e fazia crítica à ideologia burguesa;
Rejeitavam sistemas públicos por serem ideológicos, preconceituosos, aliados à classes dominantes, por isso a tarefa de educar caberia à comunidade anarquista;
Introduziram a coeducação, pois consideravam saudável o convívio entre meninos e meninas e diferentes segmentos sociais.
Instrução era científica e racional, que eduque pela razão, integral, laica e procediam à ampla politização do trabalhador, e para isso precisavam conhecer a realidade além dos muros da escola;
Ensino fundamentado na observação e formação do espírito crítico;
Utilizavam método de Francisco Ferrer, fundador da Escola Moderna de BarcelonaEspanha.

A primeira escola no Brasil fundada foi pelo anarquista Luigi Basile, em 1902, foi a escola Dante Alighieri, no bairro do Brás em São Paulo, bairro italiano. Em 1911, por motivos de doença, foi vendida ao Professor Rodolfo Camurri, que mudou a escola para a Chácara Dieberger, na atual Alameda Jaú. Depois surgiu uma escola na avenida Celso Garcia, fundada por italianos, espanhóis, portugueses e brasileiros. E surgiram outras no interior de São Paulo, como em Campinas, Sorocaba, ou seja, onde as indústrias iam se instalando.



Imagem 1-Sede da primeira escola Dante Alighieri, no Brás

A educação acontecia também em prédios de associações, em igrejas e em casa de

militantes e o método era sempre igual em todas, e assim a Escola Moderna foi sendo divulgada pelo país afora. As experiências que os imigrantes trouxeram de seus países de origem conscientizavam o povo de seus direitos e deveres. A escola dirigida por João Penteado, 1912, numa casa simples na rua Saldanha Marinho número 66, no bairro paulistano do Belenzinho em São Paulo, incluía em seu currículo exercícios epistolares, as descrições e as excursões, conforme método de Ferrer. O aluno observava, descrevia o meio natural e social, refletia e propunha transformações.

Parecia óbvio que em breve essas escolas começariam a incomodar a elite dirigente do país, o que de fato aconteceu em 1920, quando foram acusadas de propagar ideologia exótica e perturbar a ordem. Foram fechadas e em 1925, quando José Oiticica, professor do Colégio Pedro II, escola pública modelo localizada no Rio de Janeiro, elaborou a teoria anarquista, escrevendo poesias, teatro, contos, etc., terminando exilado. Assim como ele, muitos que eram do movimento anarquista ou apoiavam o movimento foram mortos e/ou exilados do país.

A ideia de educação que se propunha em conhecer a realidade para transformá-la sofreu mudanças com a Escola Nova em meados do século XX. A Escola Nova valorizava a criança, dotada de liberdade, iniciativa e de interesses próprios e sujeito da sua aprendizagem e agente de seu próprio desenvolvimento. O tratamento científico do processo educacional considerava as etapas sucessivas do desenvolvimento biológico e psicológico, respeito às capacidades e aptidões individuais, individualização do ensino conforme os ritmos próprios de aprendizagem, rejeição de modelos adultos em favor da atividade e da liberdade de expressão da criança.

Os anarquistas utilizavam o Estudo do Meio com o objetivo de transformar a realidade. A Escola Nova utilizava o Estudo do Meio para integrar o aluno ao seu meio, conforme pedagogia interacionista de Piaget(1896-1980), que apoia-se na ideia de interação entre o organismo e o meio, para Piaget a aquisição do conhecimento é entendida como um processo de construção contínua do ser humano em sua relação com o meio. No Brasil, segundo Libâneo (1994), o movimento da Escola Nova era a corrente progressivista ou Didática Ativa, entendida como "direção ou orientação da aprendizagem, considerando o aluno como sujeito da aprendizagem. Na Escola Nova importa o processo de aprendizagem (experiência do aluno por meio da investigação) e não a direção do ensino, dando menos atenção ao conhecimento sistematizado. O professor tem que colocar o aluno em condições propícias para que, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências. O Professor incentiva, orienta, organiza as atividades adequando às capacidades do aluno. Os métodos e técnicas foram de trabalho em grupo, atividades cooperativas, estudo individual, pesquisas, projetos, experimentações etc. Métodos de reflexão e método científico de descobrir conhecimentos. Centro da atividade escolar – o aluno ativo e investigador, Professor não ensina, ajuda o aluno aprender.

Esses princípios permearam propostas a partir de 1920 até a década de 60, quando foram adotados em algumas escolas, nas quais os currículos permitiram a realização, os estudos do meio. Nas décadas de 50 e 60 o estudo do meio já era visto como uma possibilidade de aproximar as disciplinas, pois podemos observar acontecendo nas escolas vocacionais e nas classes experimentais de ginásio (Colégio de Aplicação da FFLCH-USP). A Escola Experimental da Lapa, a Escola de Aplicação e os colégios vocacionais, foram escolas pioneiras na rede pública de São Paulo que adotavam os princípios da Escola Nova. O estudo do meio era considerado já um método interdisciplinar e tinha como carro-chefe os Estudos Sociais (Geografia e História), fornecendo as diretrizes do trabalho. As escolas vocacionais funcionaram de 1962 a 1969 e continham uma proposta pedagógica revolucionária e representaram um marco na história de educação paulista por adotar a democracia como prática pedagógica, segundo Pontuschka (1999). A Professora ainda afirma que, apesar da disciplina Estudos Sociais ser o carro-chefe, não havia perda das especificidades das outras áreas, já que numa mesma sala ficavam mais de um professor e de diferente disciplina.

Conforme relata Professora Nídia, se trabalhava nessas escolas de duas formas, uma seguia os currículos franceses, com leituras de textos franceses para debate em sala de aula, e outra trabalhava com os círculos concêntricos, iniciando com o estudo do entorno da escola, depois da cidade de São Paulo, do estado de São Paulo (litoral e interior) e o Brasil (Minas Gerais e Brasília, por exemplo), financiados pela associação de pais.
Percebia-se o debate sobre a metodologia de ensino estava em pauta entre os estudiosos. Silva Magaldi, em 1965, caracterizou o duplo aspecto do Estudo do Meio como método e como fim em si mesmo, ou seja, como técnica:

Como fim, ele tem um valor essencialmente informativo, inestimável. As crianças e os jovens aprendem noções, incorporam conhecimentos geográficos, históricos, socioeconômicos, políticos, científicos, artísticos, todos como elementos da realidade viva que os cerca, ampliando e "flexibilizando" seu acervo cultural de forma direta, não livresca, através da experiência vivida, e como método, ele desenvolve o espírito de síntese, permite à criança aprender a observar, a descobrir, a documentar, a utilizar diferentes meios de expressão, a ligar-se ao seu meio mais próximo, mas também aos meios mais amplos de pátria e de civilização, a desenvolver a sensibilidade diante da natureza e das obras humanas, a captar a "solidariedade universal" dos fatos históricos, a criar suas consciências de responsabilidade, a forjar a ideia de "participação". Seu valor, altamente formativo, é indiscutível. (Magaldi, 1965, p. 71 apud Pontuschka, 2004)

Nessa mesma época, Angel Marquez, segundo Pontusckha (2004), conceituava meio como "conjunto de realidades externas aos sujeito, que age sobre ele e sobre o qual o sujeito age, procurando não perder jamais de vista o contexto natural e humano". Ressaltando, como fim, o valor que o estudo do meio tem para que os alunos assimilem conhecimentos relacionados às várias disciplinas por meio do vivido e como método, a formação do educando como pessoa e como cidadão.
Em 1968, com a ditadura militar, o trabalho nessas escolas foi interrompido e em 1969 essas escolas foram fechadas e professores, alunos e pais tiveram que prestar depoimentos à polícia. Na década de 70, os professores que permaneceram na profissão, levaram para as salas de aula a experiência adquirida, porém de forma solitária e sem registros.
Muitos dos professores consideraram e aplicavam o Estudo do Meio como técnica ou um conjunto de técnicas, momento de visualizar a teoria, pois levava à pesquisa, à observação, à convivência em grupo, divisão de trabalho, etc. Porém, ressalta Pontuscka, só atingiria os objetivos se o Estudo do Meio fosse utilizado como método, superando conhecimentos puramente escolares fragmentados, levando alunos e professor a um compromisso com a sociedade e suas transformações (P. 256, 2004). Mas as reflexões continuaram em torno dessa prática pedagógica.
Na década de 70 Debesse-Arviset afirma que o Estudo do Meio "Não é só uma excursão de Geografia, é um método de captação do real". Em 1980 Maria Teresa Nidelcoff, considerou o Estudo do Meio como técnica, e conceituou meio como toda realidade física, biológica, humana que rodeia os alunos.
Com o fim da ditadura militar, em 1985, as discussões sobre propostas curriculares vieram à tona e o Estudo do Meio com caráter interdisciplinar ganhou força novamente.
O Estudo do Meio no Brasil durante os anos de 80 e 90 aconteceu tanto em escola pública como na privada. Nessa época aplicava-se o método sob duas óticas, era considerado pelas escolas um Estudo do Meio uma saída para entretenimento dos alunos ou o Estudo do Meio como um projeto interdisciplinar, que demandava pesquisa iconográfica e bibliográfica, saída de campo e posterior sistematização.
Nesses anos também surgiram empresas, que existem até hoje, que realizavam Estudos do Meio para as escolas privadas e de elite, com valores salgados e locais escolhidos para saídas e estudos às vezes muito distantes, chegando até mesmo algumas escolas optarem por locais fora do Brasil. Para a escola pública, que era e é a maioria das escolas do nosso país, esses estudos ofertados, apesar de algumas empresas ofere-

cerem um projeto de qualidade, não eram e não são possíveis de concretização, pois não condizia e não condiz com a realidade socioeconômico dos alunos da rede pública, ficando a maioria excluídos dessa metodologia, com exceção de algumas escolas que contavam com a atuação de professores que, isoladamente, se esforçavam para realizá-la dentro das condições de estrutura e financeira da escola pública.

Apesar das críticas à Escola Nova por priorizar o método em detrimento do conteúdo, priorizando a integração do aluno ao meio, o contato direto com a realidade, enfim, priorizando o Estudo do Meio, alunos e ex-alunos relatam a importância para sua formação enquanto profissionais e enquanto cidadãos. Após a realização do Estudo do Meio é costume ouvirmos do discente: - Nossa professora, a aula mais importante e que jamais esqueci foi o Estudo do Meio, ...- nunca imaginei que este lugar tinha tanta história..... - Eu não gostava daqui, mas agora eu gosto.... Enfim, relatos que emocionam, pois mostram os vínculos, o afeto, a relação que nossos alunos vão criando com o lugar e seus usuários, por meio da metodologia do Estudo do Meio.

Em 1992, a Secretaria Municipal de Educação elaborou uma publicação sobre a prática do Estudo do Meio e a participação de diferentes disciplinas, tendo como princípio o coletivo, a interdisciplinaridade e a preservação de cada área de estudo, relatando o papel de cada uma. Concretizando assim uma política educacional voltada para essa metodologia.

ESTUDO DO MEIO ATUALMENTE

As pesquisas mais recentes, à partir dos anos de 2000, sobre o Estudo do Meio têm mostrado sua significância e atualidade, estudiosos como Goettems, Boscolo, Pontuschka, Paganelli e Cacete, Bittencourt escreveram uma infinidade de artigos e reflexões que contribuíram para o esclarecimento sobre o tema.

Mesmo com todos os estudos realizados e propagados, é preciso acrescentar que o termo estudo do meio nem sempre é utilizado de forma correta. Ainda hoje muitas escolas denominam “estudo do meio” para qualquer saída fora da escola, como ir assistir uma peça de teatro, visitas esporádicas a uma indústria ou fazenda, um passeio em um parque da cidade. Mesmo que essas atividades possuam um valor pedagógico e lúdico, denominá-las de estudo do meio, segundo Pontuschka, impede o aprofundamento do tema e ampliação de seu significado e potencial na elaboração do currículo escolar. O uso indiscriminado do termo impede, em diversas situações, o aprofundamento teórico desta prática pedagógica que, reduzida a uma visita, a um passeio, a uma aula de campo, perde, na perspectiva que aqui defendemos, grande parte de seu valor formativo e educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos tempos, os estudos sobre o tema mostraram que tais atividades têm contribuído para o fortalecimento da autonomia da instituição escolar e dos professores de maneira geral, quando esta tem em sua prática pedagógica, o estudo do meio. Incluir no currículo o estudo do meio e a escola fazer seu currículo a partir dele é uma opção para não utilizarem materiais didáticos oficiais, que guiam o trabalho de professor, é uma possibilidade de sair do tradicionalismo, do ensino desinteressante e compartimentado.

Os estudos do meio podem ser uma metodologia de fortalecimento das práticas educativas públicas para as nossas comunidades, porque organiza fóruns de discussão para os problemas vividos coletivamente pela comunidade onde a escola se situa. Ao desvelar as injustiças sociais e outras questões que afetam o bem-estar de uma determinada comunidade escolar, os estudos do meio podem ser valiosos instrumentos para a compreensão e superação daquelas injustiças.

Podemos dizer que a escola adentra em seu lugar ganhando força para projetos que propiciam o bem estar da população do entorno.

Portanto, atualmente há a consciência evidente que o estudo do meio não é uma saída qualquer, não é uma prática sem um fim, é uma prática a serviço da cidadania, da formação do discente, do reconhecimento de seu lugar no mundo, de seus direitos e deveres, que é sobre o estudo do espaço que

habita o homem. É uma prática que foge a compartimentação do conhecimento, possibilita a interdisciplinaridade dando uma nova roupagem à educação, cumprindo assim a formação integral do aluno, portanto uma educação significativa e de qualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC C_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

CARVALHO FILHO, Odair R. O ensino de Geograifa e o estudo do local: o Projeto Nós Propomos!" no estado de São Paulo/Brasil. RIbeirão Preto, 2020.

GALLO, S. Francisco Ferrer: o mártir da Escola Moderna. Pro-posições, 24, 2013.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In CARLOS, Ana Fani A.(org) Novos Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (ORGs). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo. Contexto. 2002.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. O ensino de Geografia no século XXI. Campinas: Papiros, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLU, T. I.; CACETE, H. N. Para ensinar e aprender Geografia.1º ed. São Paulo, Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N., BITTENCOURT, C. M. F., NADAI, E., & KULCSAR, R O "Estudo do Meio" como trabalho integrador das práticas de ensino. Boletim Paulista De Geografia, 2017.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental. 2019.